



**INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS**  
**CAMPUS PENEDO**  
**CURSO LICENCIATURA EM LETRAS**

**ISABELLE BARBOSA RIBEIRO**  
**SUZI APARECIDA DOS SANTOS**

**TRAÇOS DA ORALIDADE EM TEXTOS ESCRITOS**  
**DOS ALUNOS DO 8º ANO**

**PENEDO**  
**2021**

ISABELLE BARBOSA RIBEIRO  
SUZI APARECIDA DOS SANTOS

TRAÇOS DA ORALIDADE EM TEXTOS ESCRITOS  
DOS ALUNOS DO 8º ANO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de graduação Licenciatura em Letras do Instituto Federal de Alagoas, *campus* Penedo, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Lessa de Oliveira.

PENEDO

2021



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Instituto Federal de Alagoas**  
**Campus Penedo**  
**Biblioteca**

R484t

Ribeiro, Isabelle Barbosa.

Traços da oralidade em textos escritos dos alunos do 8º ano/ Isabelle Barbosa  
Ribeiro, Suzi Aparecida dos Santos. – 2021.  
32 f.; il.

Orientação: Prof. Cristiano Lessa de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Aberta  
do Brasil, Instituto Federal de Alagoas, Campus Penedo, Penedo, 2021.

1. Linguagem. 2. Oralidade. 3. Escrita. I. Santos, Suzi Aparecida dos. II. Oliveira,  
Cristiano Lessa de. III. Título.

CDD: 401

**Maria Luzia Alexandre de Oliveira**  
**Bibliotecária/Documentalista**  
**CRB-4/2159**

ISABELLE BARBOSA RIBEIRO  
SUZI APARECIDA DOS SANTOS

TRAÇOS DA ORALIDADE EM TEXTOS ESCRITOS  
DOS ALUNOS DO 8º ANO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado ao Curso de graduação Licenciatura  
em Letras do Instituto Federal de Alagoas,  
*campus* Penedo, como requisito parcial para  
obtenção do grau de licenciado em Letras.

Aprovação em: 15 / 12 / 2021

**BANCA EXAMINADORA**



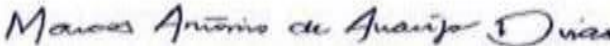
---

Prof. Dr. Cristiano Lessa de Oliveira  
(Orientador) Instituto Federal de Alagoas - IFAL



---

Profa. Dra. Fátima Amorim



---

Prof. Me. Marcos Antônio de Araújo Dias

Dedicamos este trabalho a todas as pessoas,  
que, de alguma forma, contribuíram para o nosso  
sucesso.

## **AGRADECIMENTO**

A Deus, por nos ajudar a seguir e superar todos os obstáculos enfrentados ao longo do curso.

Ao nosso orientador Professor Doutor Cristiano Lessa de Oliveira pelo suporte e paciência.

A nossa família que sempre torceu pelo nosso sucesso.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte desse processo.

O nosso muito obrigada!

*“São os usos que fundam a língua, e não o contrário. Falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido em uma dada situação”.*

(MARCUSCHI)

## **RESUMO**

Este trabalho se propõe à análise das marcas de oralidade encontradas em textos escritos por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II, das Escolas Estaduais Professor João Valeriano de Oliveira e Dr. Alcides Andrade, no Município de Penedo/AL, durante o período pandêmico, materializados em produções narrativas. A oralidade e a escrita possibilitam ao homem interagir nas mais variadas situações, por isso são modalidades relevantes para que os sujeitos possam comunicar-se. Parte-se da afirmativa de que é a práxis que embasa a língua e não o contrário, tese defendida por Marcuschi (2010), ao afirmar que falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se às regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada situação. Neste sentido, foi feita, em um primeiro momento, uma pesquisa bibliográfica embasada em alguns autores como Silva (2012), Bagno (2002) e, principalmente, Marcuschi (2010). Em seguida, foi feita uma pesquisa qualitativa, fundamentada em uma sequência didática com os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental e, por fim, a análise dos dados obtidos durante a coleta, cuja conclusão é de que os discentes apresentam diversas marcas da oralidade em suas produções escritas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escrita. Oralidade. Linguagem.

## **RESUMEN**

Este trabajo tiene como objetivo analizar las marcas de oralidad encontradas en textos escritos por alumnos de 8° grado de la Escuela Primaria, de las Escuelas Públicas Profesor João Valeriano de Oliveira y Dr. Alcides Andrade, en el municipio de Penedo-AL, materializados en producciones narrativas. La oralidad y la escritura permiten a los hombres interactuar en las situaciones más variadas, por eso son modalidades relevantes para que los individuos se comuniquen. Se parte de la afirmación de que es la praxis la que sostiene el lenguaje y no al revés, tesis defendida por Marcuschi (2010), cuando afirma que hablar o escribir bien es no poder adaptarse a las reglas del lenguaje, sino utilizar el lenguaje para producir un efecto de significado pretendido en una situación dada. En este sentido, en un primer momento se realizó una investigación bibliográfica en base a algunos autores como Silva (2012), Bagno (2002) y, principalmente, Marcuschi (2010). A continuación, se realizó una investigación cualitativa, a partir de una secuencia didáctica con alumnos del 8 grado de Educación Primaria y, finalmente, el análisis de los datos obtenidos durante la recogida, cuya conclusión es que los alumnos tienen diferentes marcas de oralidad en sus producciones escritas.

**PALABRAS CLAVE:** Escritura; Oralidad; Lenguaje.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Quadro 1 - Dicotomias Estritas .....	17
Quadro 2 - Excerto 1 da BNCC.....	18

## **LISTAS DE FIGURAS**

Figura 1 - Fragmento do texto “Felicidade” .....	24
Figura 2 - Fragmento do texto “Xô! Pandemia” .....	25
Figura 3 - Fragmento do texto “Eu e minha família” .....	26
Figura 4 - Fragmento de texto sem título .....	27

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
PCN	Parâmetro Curricular Nacional
SD	Sequência Didática

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. ORALIDADE</b> .....	13
1.1 ORALIDADE E ESCRITA NA SOCIEDADE.....	15
1.2 RELAÇÃO FALA E ESCRITA .....	17
<b>2. ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA</b> .....	21
2.1 METODOLOGIA .....	21
2.2 DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	24
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	29
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	30

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho, cujo tema é: Traços da Oralidade em Textos Escritos dos Alunos do 8º Ano, objetiva analisar as ocorrências das marcas de oralidade encontradas nos textos escritos pelos alunos das Escolas Estaduais Professor João Valeriano de Oliveira e Dr. Alcides Andrade, em Penedo – Alagoas, materializados em produções narrativas, observadas durante o período de Estágio Supervisionado, que se deu na modalidade remota em virtude do momento atípico em que nos encontramos atualmente de distanciamento social ocasionado pelo COVID-19, em que essa experiência nos instigou a desenvolver a pesquisa por notarmos que alguns dos discentes traziam em suas escritas marcas da oralidade. Para tanto, levamos em consideração as variedades linguísticas existentes atentando para o contexto em que os alunos estão inseridos.

Tendo em vista que o ensino de Língua Portuguesa vive os constantes desafios das questões teórico-metodológicas, em que os alunos possuem uma linguagem informal e a transpõem para a escrita, acarretando uma escrita inadequada, que não atende à situação de uso, por um lado; mas, por outro, possibilita levantar questionamentos como: ainda há supremacia, como se defendia antigamente, na relação entre oralidade e escrita? São dicotômicas e estanques? Neste sentido, Marcuschi (2001, p.16) responde que:

[...] predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais. Uma vez adotada a posição de que lidamos com práticas de letramentos e oralidade, será fundamental considerar que as línguas se fundam em usos e não o contrário. Assim, não serão primeiramente as regras da língua nem a morfologia os merecedores de nossa atenção, mas os usos da língua, pois o que determina a variação linguística em todas as suas manifestações são os usos que fazemos da língua. (MARCUSCHI, 2001, p. 16)

Por isso, o objeto desta pesquisa será embasado nos estudos de Marcuschi (2010, p. 25) que apresenta o ato de falar como [...] uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sobre variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; em Silva (2012, p. 1-2) preconiza que “a escrita e a oralidade são modalidades essenciais para a comunicação humana”; já Koch (1997, p. 84) destaca que “a fala e a escrita são duas modalidades de uso da língua, que apesar de pertencerem ao mesmo sistema linguístico, possuem características próprias”. Nesse sentido, é possível identificar que ambas influenciam no ensino das aulas de Língua Portuguesa apresentando suas

particularidades no processo comunicativo entre os sujeitos na prática sociocomunicativa, trazendo as mais diversas variações linguísticas inerentes ao contexto situacional. Nessa perspectiva, Bagno aconselha:

[...] que o espaço de sala de aula deixe de ser o local para estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. Devendo a escola moldar-se para receber manifestações e variedades linguísticas. (BAGNO, 2002, p. 134)

A análise desta pesquisa se debruçará sobre os textos produzidos pelos alunos, que constituirão o corpus do trabalho. Vez que o texto escrito é a concretização do texto oral, tornando possível, assim, identificar as variações linguísticas observadas no contexto da sala de aula em que estão inseridos os alunos, desmistificando a ideia de certo e errado.

Marcuschi (2001, p. 34) diz que as produções discursivas orais estão situadas no campo da oralidade, onde as mesmas contemplam um leque grande e diferenciado de práticas, gêneros e produções de textos. O autor ainda aponta que a questão da oralidade é colocada como um problema de adequação às diferentes situações comunicativas. Dessa forma as diferenças entre fala e escrita não podem ser vistas em termos de separações. Como pode ser melhor esclarecido na citação abaixo:

A questão não é falar certo ou errado e sim saber que forma de fala utilizar, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. Os diferentes modos de fala e as diferentes linguagens constitutivas da produção discursiva oral podem ser trabalhadas como um importante recurso comunicativo do ensino de língua portuguesa. (MARCUSHI, 2001, p. 34).

Para discutir e aprofundar as questões apresentadas, este trabalho foi dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo Oralidade, serão discutidos os seguintes tópicos: Oralidade e escrita na sociedade; Relação Fala e Escrita. No segundo capítulo, o olhar recairá sobre: Aspectos Teóricos Metodológicos da Pesquisa; onde apresentaremos a Metodologia.

E por fim, trataremos da análise de dados, trazendo trechos dos textos dos alunos que apresentem as marcas da oralidade, como também será apresentada uma discussão acerca do questionamento: Como o professor de Língua Portuguesa pode lidar com essa situação em sala de aula?

## 1. ORALIDADE

A era da informação, que caracteriza o mundo atual, tem múltiplas dimensões e múltiplas consequências para quem nela vive. Uma perspectiva perceptível é o contínuo fluxo de informação que é involuntariamente ou não recebido por seus membros; do mesmo modo, uma consequência patente é a necessária resposta a ser dada para tantos e diferentes estímulos. O anonimato não é recomendável na realidade virtual, significando às vezes um “falecimento digital” para a persona real, nessas condições.

Essas diversas informações chegam até nós de diferentes maneiras: vídeos, sons, imagens, e é natural que, com a densidade e velocidade concomitantes na produção desse mundo, vários dos textos, lidos e escritos, apresentem formas e estruturas que pouco ou nada se importem em manter uma norma culta, rompendo, no mais das vezes, para formas mais comuns de representação, em que a oralidade, assim vista como mais simples e melhor para informar, predomina sobre uma produção intrincada e atenta às regras gramaticais.

Todo esse sistema ou complexo de sistemas compõem a comunicação cujo aporte direto é dado, dentro do gênero humano, pela linguagem. Entretanto, não uma linguagem qualquer, à maneira do reino animal, mas uma que constantemente evolui e se transforma, podendo pôr em xeque o que entendemos como padrão culto numa escala temporal. Verifica-se, assim, que a compreensão sobre a linguagem é preambular para entender o fenômeno estudado em presente trabalho.

Numa concepção menos formal e de senso comum, que tem em consideração a realidade aparente das coisas, a linguagem, quando posta como objeto de debate, aparece muitas vezes como uma ideia abstrata, mas, é possível conceber a linguagem como uma questão de inserção de meio social através da oralidade. Levando o indivíduo a interagir de diferentes formas em diversos contextos nas práticas sociais e culturais.

O que se pode observar é que a fala é inata ao indivíduo. Constantemente o ato de fala é praticado no meio em que si convivem, mas, raramente é praticado o ato da escrita. Na verdade o contato com a escrita se dá a partir do momento da inserção do indivíduo na escola.

Por conseguinte, a didática de ensino dos professores, seja em qual for o nível de ensino, dá ênfase à escrita, deixando a oralidade passar despercebida, sem que recaia sobre ela um olhar de atenção. Porém, a oralidade tem sua importância tanto quanto a escrita. Nesse sentido, Antunes (2003, p. 24) preconiza que: “uma quase omissão da fala como objeto de exploração no trabalho escolar; essa omissão pode ter como explicação a crença ingênua de

que os usos orais da língua estão ligados à vida de todos nós que nem precisa ser matéria da sala de aula”.

A escola não deve abandonar a oralidade. O ideal é que na escola se mantenha o cuidado de trabalhar oralidade e escrita de maneira a dar a importância devida a cada uma delas, visto que, a todo o momento, usamos a linguagem oral, seja ela de maneira coloquial ou formal. Com isso, sendo trazido para a didática de ensino situações de uso da linguagem, onde a oralidade aconteça de maneira natural considerando situações interacionais, é possível que seja aprimorado em cada indivíduo o domínio do que pretende transmitir. Com isso, o professor deve repensar suas práticas pedagógicas, buscando trabalhar a linguagem oral numa perspectiva interacional que priorize a gama tão ampla de gêneros textuais.

Atualmente, com a pragmática linguística ganhou relevância o princípio teórico de que a língua constitui uma forma de atuação social, ou seja, cada uso da comunicação linguística, na verdade, é uma atividade de linguagem oral, uma ação, é uma intervenção do sujeito com os outros e sobre o mundo, pelos quais os sujeitos falantes cumprem ações em respostas as suas intenções e propósitos.

Ninguém fala para nada, sem um fim específico. Portanto, a linguagem oral é uma atividade interativa, no sentido de que sua execução é entre sujeitos contextualmente presentes ou pelo menos previstos. A língua é uma atividade a serviço da produção e da expressão de sentidos. A esse respeito, Marcuschi (2003, p. 17) afirma que “o homem é um ser de fala e não de escrita”, ainda nas sociedades de letrados, a tradição oral é valorizada.

A grandeza real da língua pode ser aferida pela fala e escrita através de seu aspecto referente às relações estabelecidas entre as pessoas de uma determinada sociedade. A existência da língua vem desde o princípio, nascemos com ela, é pertinente a todos de uma comunidade, por meio dela podemos nos expressar.

De acordo com Saussure (1998, p. 34):

Língua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a única razão de ser do segundo é representar o primeiro; o objetivo linguístico não se define pela combinação da palavra escrita e da palavra falada; essa última, por si só, constitui tal objeto. Mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é a imagem, que acaba por usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo. É como se acreditássemos que, para conhecer uma pessoa, melhor fosse contemplar-lhe a fotografia do que o rosto.

Marcuschi assim como Saussure vê a língua como um fenômeno social, porém, Saussure a analisava como um código e um sistema de signos. Vale ressaltar que o interesse

do linguista Saussure recaía sobre o sistema e a forma e não sobre os aspectos da materialização na fala ou na função dentro da produção textual. Por conseguinte, não existia preocupação com o uso da língua.

Dando continuidade, Marcuschi salienta que Saussure não havia descartado o estudo do uso da língua, assim como o sentido, ainda que em seu “Curso de Linguística Geral”, produzido nos anos de 1911 a 1913 e publicado em 1916, após sua morte, não demonstre atenção com essas fases, assim, o que se vê, em outros manuscritos de Saussure e que ele nos lembrava de que a linguagem é discurso, ou seja, o pai da linguística demonstrava que tinha uma visão também voltada à análise da língua em uso.

Contudo, Marcuschi (2010, p. 36) preconiza que:

A oralidade jamais desaparecerá e sempre será, ao lado da escrita, o grande meio de expressão e de atividade comunicativa. A oralidade enquanto prática social é inerente ao ser humano e não será substituída por nenhuma outra tecnologia. Ela será sempre a porta de nossa iniciação à racionalidade e fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos. Isso se dá de modo particular porque a língua é socialmente moldada e desenvolvida, não obstante seu provável caráter filogeneticamente universal, como postulam muitos linguistas e psicólogos.

Assim, como a língua está sujeita às ações do tempo, a linguagem oral é influenciada pelos contextos culturais e sociais do ser humano, estando presente desde o nosso nascimento e nos acompanhando em todos os momentos vividos. Apresenta um papel de grande importância para a nossa formação dentro da sociedade, além de nos ajudar no processo de interação e inserção num grupo específico que almeja, construindo assim, indivíduos formadores de opiniões que expressam e defendem seus pontos de vista, contribuindo com a cultura e construindo suas visões sobre o mundo.

## 1.1 ORALIDADE E ESCRITA NA SOCIEDADE

A língua e a sociedade estão relacionadas a ponto de que a linguagem tem uma função social estando presente desde a evolução das espécies e se encontra em constante transformação.

No decorrer dos tempos, diversos autores buscaram realizar estudos que de alguma forma explicassem as relações entre oralidade e escrita na sociedade, trazendo para a atualidade a questão das diferentes culturas existentes serem responsáveis pela maneira como os indivíduos se comunicam e como transcrevem essa linguagem.

O homem é um ser falante mais do que escreve, porém a oralidade não se sobrepõe à escrita. A oralidade no contexto das práticas sociais e culturais torna-se o principal recurso de interação entre os indivíduos, transformando-se no meio de comunicação que une as pessoas e faz com que as relações humanas se concretizem de forma subjetiva. Levando o indivíduo a se comunicar para se relacionar, fazendo disso um círculo que não se rompe.

Tais estudos tinham a oralidade e a escrita como termos que eram diferentes entre si, no qual, uma não completava a outra. Marcuschi (2005, p. 16) considerava que:

A relação oralidade e letramento como dicotômica, atribuindo-se à escrita valores cognitivos intrínsecos no uso da língua, não se vendo nelas duas práticas sociais. Hoje [...] predomina a posição de que se pode conceber oralidade e letramento como atividades interativas e complementares no contexto das práticas sociais e culturais. (MARCUSCHI, 2005, p. 16).

Oralidade e escrita se completam devendo ser analisadas a partir das questões situacionais: contexto social, cultural e suas perspectivas de uso, entendendo assim, que a oralidade faz parte da interação humana como um fator social, e a escrita não é uma representação da fala como os livros didáticos sempre afirmam, a escrita é uma representação da língua, e as duas são fundamentais, cada uma tem seu lugar.

Sendo o homem um ser que se comunica e interage diariamente de diferentes formas, ele busca a cada dia conviver em comunidade cumprindo sua função social perante as pessoas a sua volta. Assim, o homem é um ser que naturalmente é social, pois necessita constantemente se relacionar, transmitindo e recebendo experiências e novas descobertas, no qual, podemos chamar esse processo de “sociabilidade”, conquistando, portanto, a oportunidade de aprender com os outros indivíduos.

Dessa maneira, a oralidade é o fio condutor para que o homem estabeleça interação com os demais, nesse ponto estamos de acordo com Silveira (2005, p. 35) quando ela diz que:

Os usos sociais da língua diversificam-se conforme a diversidade de ações que se realizam nas interações discursivas. Naturalmente, nas sociedades organizadas, a maioria das situações de uso interacional da língua são convencionalizadas e reiteradas na própria dinâmica das atividades sociais do cotidiano da vida humana, tanto no âmbito mais privativo, como no plano público e comunitário.

Como parte do processo histórico e social, a escrita tende a ser usada no dia a dia do indivíduo em diversos contextos como: casa, escola, trabalho, entre outros, sendo fundamental que para o desenvolvimento do processo de letramento o uso de gêneros textuais se aplique como formas comunicativas fazendo parte do processo, mesmo sendo o processo de

letramento um tabu para aqueles que são letrados. Visto que, cada contexto social irá demonstrar para cada indivíduo diferentes condições para a prática da escrita.

Portanto, oralidade e escrita se apresentam como atividades comunicativas que a partir das práticas sociais fazem uso da língua de maneira real. Por assim dizer, a oralidade e a escrita como fator social, trata-se da linguagem humana que de forma concreta impõe o homem a usá-la como um objeto que faz parte do meio social, já que os diferentes contextos sociais, culturais, políticos e até mesmo intelectuais estão presentes no dia a dia de todos os indivíduos.

## 1.2 RELAÇÃO FALA E ESCRITA

Ao longo dos tempos, a humanidade buscou diversas maneiras para se comunicar. Inicialmente por meio da linguagem oral, logo depois através de símbolos e pinturas, e em seguida através da escrita. Partindo do homem primitivo até os dias atuais, o processo de comunicação evoluiu havendo a necessidade de determinadas regras para que fosse possível compreender os signos e sua significação. Hoje fala e escrita caminham juntas sob o viés de serem abordadas linguística e discursivamente, envolvendo a linguagem oral (fala) e a linguagem letrada (escrita). Tais linguagens estão presentes nas práticas diárias de cada indivíduo na atual sociedade, sendo assim, fala e escrita se apresentam interligadas, pois as duas tratam das práticas culturais e sociais de um povo, estando sempre em mudança e evoluindo juntas sem que uma seja mais importante que a outra.

De acordo com Marcuschi (2010, p. 22), “na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Trata-se, pois de não confundir seus papéis e seus contextos de uso, e de não discriminar seus usuários”, devendo ser respeitadas as práticas sociais de produção textual tanto oral como escrita, esquecendo-se das dicotomias existentes que por vezes as confundem.

Para Marcuschi (2010) a relação fala e escrita traz semelhanças e diferenças, porém é preciso evitar as dicotomias que em seu livro ele apresenta, conforme o quadro:

**QUADRO 1- DICOTOMIAS ESTRITAS**

<b>FALA</b>	<b>ESCRITA</b>
Contextualizada	Descontextualizada
Implícita	Explícita

Concreta	Abstrata
Redundante	Condensada
Não planejada	Planejada
Imprecisa	Precisa
Não formalizada	Normatizada
Fragmentária	Completa

FONTE: MARCUSCHI (2010, P. 27)

Para tal, Marcuschi (2010) aconselha que seja necessária uma visão sensata quanto a essas dicotomias, visto que, “fala e escrita” são apontadas como “espontaneidade e norma” respectivamente.

Nesse sentido a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, p. 79-80) estabelece as práticas de linguagem que se concretizam nas práticas sociais orais na relação entre fala e escrita e como elas se articulam, conforme o quadro abaixo:

#### QUADRO 2 - EXCERTO 1 DA BNCC

<b>EIXO ORALIDADE</b>	
Relação entre fala e escrita	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estabelecer relação entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e linguísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão.</li> <li>- Oralizar o texto escrito, considerando-se as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece, seus elementos paralinguísticos e cinésicos, dentre outros.</li> <li>- Refletir sobre as variedades linguísticas, adequando sua produção a esse contexto.</li> </ul>

FONTE: BRASIL (2017)

Embora há muito tempo a escrita tenha sido concebida como uma transcrição da fala, elas não são dicotômicas, cada uma se apresenta de maneira própria. Para Marcuschi (2001, p. 37) “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos. Em consequência, temos a ver com a correlação em vários planos, surgindo daí um conjunto de variações e não uma simples variação linear.” Levantando a discussão sobre as duas modalidades da língua não serem dicotômicas, Marcuschi (2008, p. 191) diz:

Aspecto central nessa questão é a impossibilidade de situar a oralidade e a escrita em sistemas linguísticos diversos, de modo que ambas fazem parte do mesmo sistema da língua. São realizações de uma gramática única, mas, do ponto de vista semiológico, podem ter particularidades com diferenças bem acentuadas, de tal modo que a escrita não representa a fala. Portanto, não postulemos uma simetria de representação entre fala e escrita, mas, uma relação sistêmica no aspecto central das articulações estritamente linguísticas.

Concordando com o autor, fala e escrita se concretizam em duas modalidades da língua que trazem consigo um conjunto de especificações dentro dos contextos sociais e das variedades linguísticas, ou seja, a linguagem oral e a linguagem escrita sofrem mudanças devido aos contextos de uso que forem utilizadas. Dessa forma, as práticas sociais e as interações sociais ligadas a gêneros de fala e de escrita são mutuamente interdependentes a depender do contexto de uso, havendo um entrelaçamento entre os gêneros orais e escritos.

É equívoca a compreensão da supremacia da escrita em detrimento da oralidade. Esta possui características próprias, assim como a escrita possui. Na oralidade estão presentes elementos como coerência e coesão, no qual, durante muito tempo foi construída a ideia de que a oralidade é carregada de “erros”, de “desvios”, pois o indivíduo ao falar não se preocupa com a norma culta da língua. Porém, vale ressaltar, que na oralidade estão presentes certos regramentos peculiares, pois falar em uma roda de amigos é bem diferente de uma apresentação de um trabalho acadêmico, por exemplo. A fala possui características próprias como linguagem corporal e prosódia as quais não são representadas na escrita. Assim, fala e escrita são elementos que compõem o mesmo sistema linguístico, não devendo existir soberania de uma em relação à outra.

Levando-se em consideração que as pessoas que passam a maior parte do tempo falando do que escrevendo ainda por cima com a era da tecnologia, tomemos como exemplo um dos aplicativos de comunicação mais utilizados na contemporaneidade, o aplicativo WhatsApp. Os usuários optam por valorizar as mensagens de voz do que as de texto, percebe-

se geralmente que a oralidade é marcada por uma linguagem coloquial (informal), e a escrita, na maioria dos casos, os sujeitos transcrevem da maneira como falam, apresentando marcas da oralidade sejam em gírias, vícios de linguagem e problemas de concordância.

Em diversos contextos, as variações linguísticas se apresentam dando lugar a uma linguagem coloquial “ou formal” a partir da diversidade dos indivíduos na sociedade. O que se deve observar enquanto oralidade e variação linguística são as questões como o meio em que o falante está envolvido, sexo, idade, escolaridade, classe social. Sabendo que, o que irá determinar as variações linguísticas são os usos que serão feitos da língua.

Assim, a linguagem coloquial ou formal, a depender, é apresentada pelo indivíduo como um objeto em uso, que conflitado pelo momento durante a escrita, ora há a necessidade do uso das regras gramaticais, ora a linguagem informal prevalece, visto que a escrita não é a representação da fala, pois nem tudo que está presente na fala pode ser representado pela escrita.

## 2. ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA PESQUISA

### 2.1 METODOLOGIA

É importante destacar que para a realização deste trabalho levamos em consideração os estudos realizados por Marcuschi (2001); (2003); (2005); (2007); (2008) e (2010), os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e a Base nacional Comum Curricular (2017).

No que se refere à linguagem é possível dizer que esta é a maneira que nos difere dos outros seres vivos, nos constituindo como sujeitos ricos em cultura, como também em variedades linguísticas. É através da linguagem que nos comunicamos e também nos fazemos entender. Neste sentido o Parâmetro Curricular Nacional (1998, p. 22) diz que “produzir linguagem significa produzir discursos”, assim, a linguagem é produzida por sujeitos que estão inseridos em diferentes contextos, porém, a sua realidade não interfere na sua linguagem verbal para que se faça entender.

Como a linguagem em seu entendimento se concretiza como um fenômeno sociocultural a partir da interação, que permite ao sujeito se comunicar e construir referências a partir da sua realidade Marcuschi (2007, p.60) diz que “essa posição torna a língua como uma atividade sócio histórica, uma atividade cognitiva e atividade sócio interativa”, defendendo assim a língua como atividade de interação a partir de contextos e situações verbal e social.

Esta pesquisa é de cunho qualitativo, uma vez que foram examinadas as produções textuais de alunos do 8º Ano das Escolas Estaduais Professor João Valeriano de Oliveira e Dr. Alcides Andrade, no município de Penedo, Alagoas. Sobre pesquisa qualitativa Oliveira (2009) diz que a preocupação desse tipo de pesquisa é retratar a complexidade de uma situação particular, focalizando o problema em seu aspecto total. O pesquisador usa uma variedade de fontes para coleta de dados que são colhidos em vários momentos da pesquisa e em situações diversas, com diferentes tipos de sujeito.

Vale ressaltar que todos os passos, pertinentes a este estudo, foram realizados remotamente, em decorrência ao momento de afastamento social provocado pela COVID-19. Então, sua realização ocorreu graças à colaboração tanto da professora regente da turma, quanto da participação dos estudantes.

Diante dessa realidade, ficou acordado, com a professora regente, que após ensinar (revisar), seguindo uma sequência didática (SD) baseada em textos narrativos e fazendo uso

de diferentes gêneros textuais, no período de três aulas, seria solicitado aos alunos que livremente produzissem textos narrativos.

Para a SD, a professora aplicava as aulas através do *Google Classroom* e *Whatsapp* e não foi possível participar por essa plataforma junto com a professora por ser um local exclusivo somente para professores e os alunos. O ensino remoto ocorreu de maneira síncrona com aulas no *Google Classroom* e aplicativo *Whatsapp* para aqueles alunos que tinham acesso à rede digital. Já para os alunos que por motivos externos, como não acesso à internet ou não ter aparelho celular, a forma que a escola encontrou de não parar o ensino foi a construção das atividades físicas para os alunos irem pegar na escola e devolverem as atividades respondidas para a obtenção de nota.

Para a aula 1, a professora nos relatou que deu início através do *Google Classroom* indagando os alunos se eles tinham algo interessante para contar sobre algum fato que aconteceu com eles. Após um amontoado de relatos, ela continua a aula perguntando se eles sabem explicar sobre textos narrativos, suas especificações e elementos que os compõem, e segue explicando. Através do aplicativo *Whatsapp*, a professora disponibiliza um link do *YouTube* em que o conteúdo é Texto Narrativo. Como atividade, pede que todos acessem o link para a atividade da próxima aula.

Para a aula 2, através do *Google Classroom*, a professora pede que cada aluno fale sobre um elemento que constitui o texto narrativo. Em seguida disponibiliza no aplicativo *Whatsapp* os textos “Uma esperança” Conto de Clarice Linspector, “O Sertanejo” de Euclides da Cunha e o texto humorístico “Pânico em Home Office”, em formato de arquivo PDF.

Fez a leitura dos textos intercalando os alunos. Ao final, a professora conversa com os alunos sobre cada texto pedindo que identifiquem seus elementos constitutivos e a tipologia textual.

Para a aula 3, através do *Google Classroom*, a professora nos relata que solicitou aos alunos que elaborassem uma narrativa em que fosse abordada a situação atual da qual o país vinha enfrentando. Deixando o tema a critério dos alunos, para que fosse possível explorar a criatividade em relação ao contexto geral da situação de todos.

A partir dos que fizeram a atividade proposta, a professora nos enviou os textos pelo aplicativo *Whatsapp* em foto, para que pudéssemos identificar os traços da oralidade e fazer a análise dos textos em questão.

Entretanto, antes de ser iniciada a análise dos textos, é essencial entender que apesar de pertencerem ao mesmo sistema linguístico, oralidade e escrita possuem diferenças no modo como se realizam, pois evidenciam que cada uma dessas modalidades detém

mecanismos que as identificam. Um ponto que deve ser levado em consideração é que se o estudante antes de entrar para o ambiente escolar já utiliza, com propriedade, a modalidade falada da língua, então no momento que passa a ter contato com as produções escritas, normalmente, acaba por apresentar um grande traço de oralidade em seus textos escritos.

É necessário o auxílio do professor, de forma contínua, para que o aluno perceba ser adequado ou não o uso dessas marcas de oralidade. Esse processo demandará anos de trabalho docente, pois é um procedimento que não se resolve instantaneamente. E não havendo essa tarefa consistente de adequação das marcas próprias de oralidade, a ocorrência destas estará sempre presentes na modalidade escrita, acarretando prejuízo no entendimento da importância tanto de uma modalidade quanto da outra.

No que pertence à linguagem, é possível dizer que esta é a maneira que nos difere dos outros seres vivos, tornando-nos sujeitos de nossa cultura. É por meio da linguagem que nos comunicamos. Assim, a linguagem é produzida por sujeitos que estão inseridos em diferentes contextos, mas a sua realidade não interfere em sua linguagem verbal para que se faça entender.

Como a linguagem, em seu entendimento, concretiza-se como um fenômeno sociocultural a partir da interação, que permite ao sujeito se comunicar e construir referências a partir da realidade. Marcuschi (2007, p. 60) afirma que “essa posição torna a língua como uma atividade sócio histórica, uma atividade cognitiva e atividade sócio interativa”, defendendo assim a língua como atividade de interação a partir de contextos e situações verbal e social. Nesse sentido, o aluno deve ser colocado em situações reais no que se refere à escola, para que a partir de práticas contextualizadas seja possível fazer uso da língua, desenvolvendo habilidades para a escrita.

A oralidade de cada indivíduo é proveniente das influências do contexto social em que ele está inserido. Nesse viés, essas influências caracterizam variações linguísticas que são visíveis na fala e na escrita, no qual os sujeitos por meio da interação social levam para a linguagem características singulares que determinam grande influência na linguagem escrita.

Por se tratar de um processo essencial para a comunicação, a escrita e a oralidade exercem papéis distintos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos, em que muitos têm dificuldade em separar as duas, transcrevendo a linguagem oral na produção escrita. Assim, é de total relevância que os alunos percebam que a oralidade apresenta diferenças da escrita, em termos gramaticais, mas que a variação linguística existente na oralidade é que a torna necessária para a dinamicidade da comunicação.

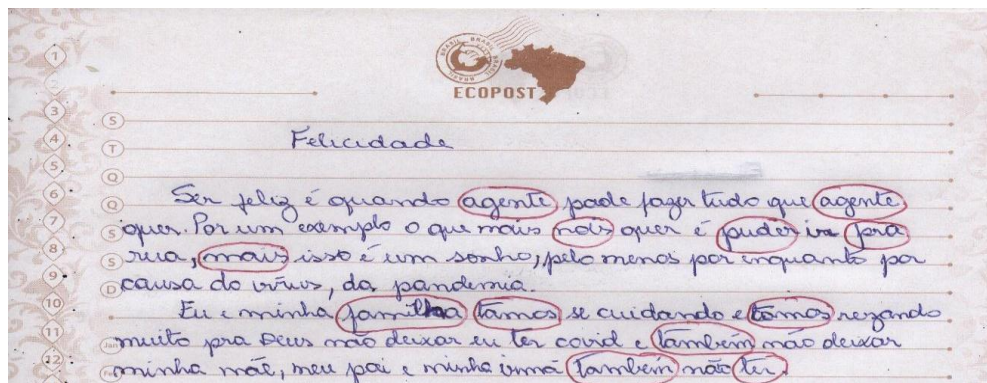
Vale salientar que a fala está sujeita às influências do meio em que o falante está inserido, e a escrita necessita seguir as regras gramaticais. Marcuschi (2010, p. 21) esclarece que “a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem”, em que cada uma agregará contribuição à linguagem, sem distinção de melhor ou pior.

## 2.2 DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS

Por se tratar de um processo essencial para a comunicação, a escrita e a oralidade apresentam papéis distintos no processo de ensino e aprendizagem dos alunos; muitos têm dificuldade de separar as duas, transcrevendo a linguagem oral na produção escrita.

Como já foi dito, na escrita, lançamos mão de estruturas gramaticais e produção de textos diferentes da fala, que, por sua vez, apresenta um caráter mais espontâneo, menos rígido do que a escrita, com características próprias.

Com os textos dos alunos em mãos e à luz dessas distinções, o primeiro passo foi ler toda a produção dos estudantes, para, em seguida, selecionar os que seriam analisados. Após observar que existiu um padrão de traços de oralidade nos textos produzidos por eles, resolvemos selecionar quatro, cuja análise segue abaixo:



**Figura 1-** Fragmento do texto “Felicidade”

Transcrição do fragmento:

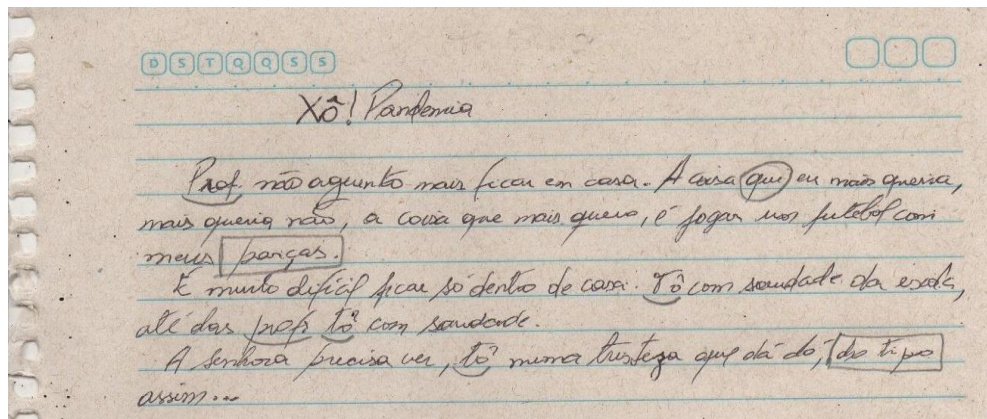
### *Felicidade*

*Ser feliz é quando agente pode fazer tudo que agente quer. Por um exemplo o que mais nois quer é pudes ir pra rua, mais isso é um sonho, pelo menos por enquanto por causa do vírus, da pandemia.*

*Eu e minha família tamos se cuidando e tamos rezando muito pra Deus não deixar eu ter covid e também não deixar minha mãe, meu pai e minha irmã também não ter.*

Observa-se nesse fragmento de texto que foram registradas diversas marcas de oralidade, como a repetição da palavra “agente” (a gente – grifo nosso), além de estar grafada de forma “errada”, segundo a gramática normativa, foi utilizada no lugar de “nós” e, também, há a ocorrência do “mais” em vez do “mas”, vale salientar que, em se tratando de palavras homófonas, essa troca é muito comum. Outro traço de fala permeado no texto é o acréscimo da vogal “i” no vocábulo “nois” (nós), nessa perspectiva, Cagliari (1993, p.138-9) enfatiza que “O erro mais comum dos alunos é caracterizado por uma transcrição fonética da própria fala, ou seja, utilizar duas vogais em vez de uma, por usar na sua conversação um ditongo”, e a mudança de vogal em “puder” (poder).

Há ainda, a omissão de sílabas das palavras, em que o aluno escreveu “tamos” no lugar de “estamos” e a redução de “para”, ao escrever “pra”. De acordo com o pensamento de Bortoluzzi e Cristofolini (2013, p. 119), “a omissão de letras é verificada quando o aluno escreve uma palavra omitindo um fonema ou um grafema”. Como no exemplo acima e ao escrever desse modo, o aluno traz para a escrita as marcas da oralidade.



**Figura 2** - Fragmento do texto “Xô! Pandemia”.

Transcrição do fragmento:

*Xô! Pandemia*

*Prof não aguento mais ficar em casa. A coisa qui eu mais queria, mais queria não, a coisa que mais quero, é jogar uns futebol com meus parças.*

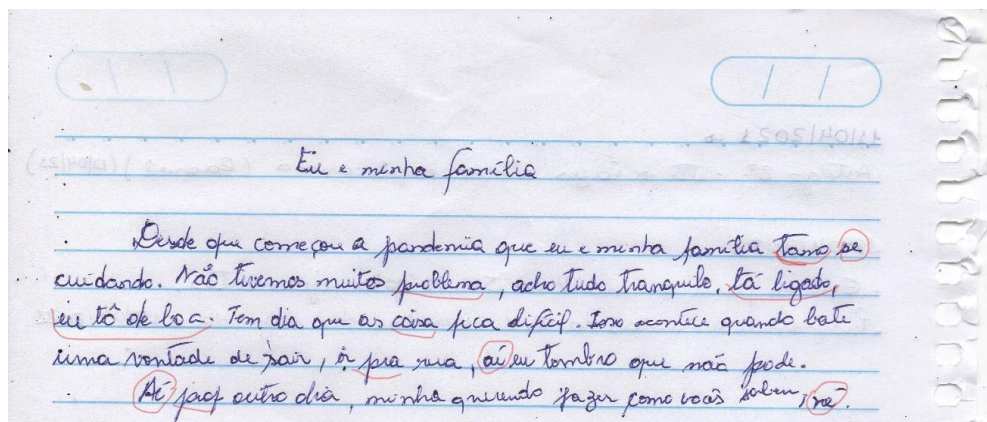
*É muito difícil ficar ficar só dentro de casa. Tô com saudade da escola, até das profi tô com saudade.*

*A senhora precisa ver, tô numa tristeza que dá dó, do tipo assim...*

Percebe-se nesse fragmento que, desde o título, seu autor já transpõe a oralidade para a escrita, ao usar a interjeição “xô”, vocábulo onomatopeico, ou seja, representação gráfica de sons, nesse sentido, Gnerre (1978, p. 46) entende que:

[...] escrever nunca foi e nunca vai ser a mesma coisa que falar: é uma operação que influi necessariamente nas formas escolhidas e nos conteúdos referenciais. A escrita é o resultado histórico indireto da oposição entre grupos sociais que eram e são ‘usuários’ de uma certa variedade.

Na sequência, podemos observar o uso de redução nas palavras “prof”, “parças” e tô, em vez de professor (a), parceiros(as) e estou, respectivamente. O autor também recorre à gíria, quando usou a expressão “do tipo”, além disso, troca o “e” pelo “i” na palavra “que” grafada “qui”. Constata-se, então, que nas palavras em que o “e” tem som de “i” e o “o” tem som de “u”. Nesses casos, são considerados os signos falados e os escritos, há uma distinção entre a forma do grafema, modo de escrever, e a do fonema na realização fonética, ou seja, a maneira de falar.



**Figura 3** - Fragmento do texto “Eu e minha família”

Transcrição do fragmento:

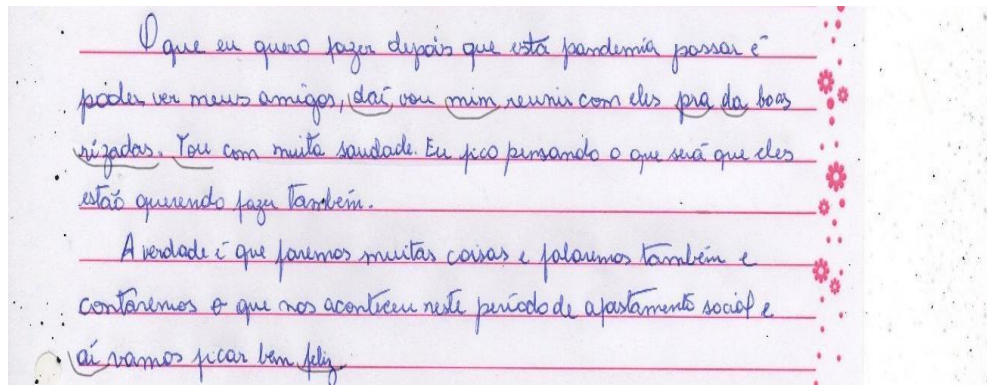
### *Eu e minha família*

*Desde que começou a pandemia que eu e minha família tamo se cuidando. Não tivemos muitos problema, acho tudo tranquilo, tá ligado, eu tô de boa. Tem dia que as coisa fica difícil. Isso acontece quando bate uma vontade de sair, ô pra mim, aí eu tombo que não pode. Ai prof outro dia, minha quando fazer como você sabem, né?*

*fica difícil. Isso acontece quando bate uma vontade de sair, ir pra rua, aí eu lembro que não pode.*

*Aí prof outro dia, minha querendo fazer como vcs sabem, né.*

No texto acima, observa-se, como nos textos já analisados, o uso de reduções, a exemplo de “tamo”, em vez de “estamos”; “né”, no lugar de “não é” e “pra”, em substituição a “para”; entretanto, chama atenção neste fragmento a falta de concordância nominal, exemplificado nas passagens: “as coisa” e “muitos problema”. Outra observação de traço de oralidade é o uso do “se” em vez de “nos”, lembrando que para a gramática normativa, essas ocorrências são classificadas como erro gramatical. Para finalizar, encontramos o registro de gírias, em: “eu tô de boa” e “tá ligado”.



**Figura 4** - Fragmento de texto sem título

Transcrição do fragmento:

*O que eu quero fazer depois que esta pandemia passar é poder ver meus amigos, daí vou mim reunir com eles pra da boas rizadas. Tou com muita saudade. Eu fico pensando o que será que eles estão querendo fazer também.*

*A verdade é que faremos muitas coisas e falaremos também e contaremos o que nos aconteceu neste período de afastamento social e aí vamos ficar bem feliz.*

Para finalizar a análise dos quatro fragmentos de textos escolhidos dentre a produção textual dos alunos do 8º Ano, da Escola Estadual Professor João Valeriano e Alcides Andrade, chamamos a atenção para a palavra “rizadas” grafada com “z” em vez de “s”. A esse respeito, Bagno (1999, p. 126), afirma que “[...] É importante notar que os “erros” de ortografia são constantes: troca de J por G, de S por Z, de CH por X e assim por diante -

justamente por serem casos em que é necessário fazer uma análise da relação fala-escrita que excede os limites teóricos da suposta correspondência som-letra”.

Percebe-se que foi encontrada no texto a troca de consoante, como por exemplo, a palavra “rizadas” no momento da escrita o aluno trocou a consoante “s” pelo “z”, ou seja, o aluno escreveu da maneira como fala, confirmando a relação instável entre letra e som mostrada por Bagno (1999). Além disso, o aluno, autor desse fragmento, troca o “me” pelo “mim”, numa demonstração de transposição da maneira de falar para a escrita. E, ainda, fez uso dos vocábulos “aí” e “daí”, como elementos coesivos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todo o material analisado, fica demonstrado que, em suas produções, alguns alunos do ensino fundamental trazem para a escrita, cujas regras gramaticais devem ser obedecidas, as marcas de fala, retratando, assim, o contexto social em que estão inseridos. É interessante notar que os “problemas” apresentados nos fragmentos analisados, mesmo aqueles considerados erros gramaticais, são gerados pela influência da oralidade na escrita, como as repetições, o uso dos elementos de coesão “daí” e “aí”.

Sob essa perspectiva, percebe-se que os alunos chegam à escola detentores do conhecimento da língua, limitado à oralidade, por isso é papel do professor desenvolver esse potencial, por meio de atividades reflexivas que atendam às necessidades dos estudantes, para que eles percebam as diferenças existentes entre fala e escrita e, assim, compreendam os diferentes usos e contextos sociais e mais, consigam fazer uso das duas modalidades de linguagem de forma adequada.

Um ponto que se deve levar em consideração, é que se o estudante antes de entrar para o ambiente escolar, já utiliza, com propriedade, a modalidade falada da língua, então no momento que passa a ter contato com as produções escritas, normalmente acabam por apresentar um grande número de traços da oralidade. Nesse sentido, o aluno deve ser colocado em situações reais no que se refere à escola, para que a partir de práticas contextualizadas seja possível fazer uso da língua desenvolvendo habilidades adquiridas para a escrita.

É necessário o auxílio do professor, de forma contínua, fazer com que o aluno adquira consciência de adequação às marcas próprias da modalidade escrita. Tal processo de conscientização das particularidades próprias de cada modalidade demandará, em muitas vezes, anos de trabalho, pois é um procedimento que não se resolve instantaneamente.

E não havendo essa tarefa consistente de adequação das marcas próprias da oralidade, a ocorrência desta estará sempre presente na modalidade escrita, implicando no pouco domínio que o aluno possui da diferença de uma modalidade em detrimento da outra.

Assim, é de total relevância que os alunos percebam que a oralidade apresenta diferenças da escrita, em termos gramaticais, mas que a variação linguística existente na fala é o que a torna necessária para a dinamicidade da comunicação, é onde cada uma terá suas importâncias na linguagem, sem distinção de melhor ou pior.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, M. **Preconceitos linguísticos: o que é, como se faz**. São Paulo: Editora Loyola, 2002.
- BAGNO, Marcos; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. **Língua Materna: letramento, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002b, p. 134.
- BORTOLUZZI, Bianca Móra & CRISTOFOLINI, Carla. **Oralidade e a aquisição da linguagem escrita dos alunos em uma escola pública**. Revista Acadêmica de Letras Português. Universidade Federal de Santa Catarina, OUX, n. 01, 2013/2.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: MEC/SEB,2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 17 nov. 2021.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2021.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística**. 6. Ed. São Paulo: Scipione, 1993.
- KOCH, I. V. **A Inter-Ação pela Linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992
- KOCH, I. V. **O Texto e a Construção dos Sentidos**. São Paulo: Contexto, 1997
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para escrita: atividades de retextualização**. 4 ed. São Paulo: Cortez,2003.
- MARCUSCHI, L. A. **Oralidade e Letramento. In: Da fala para a escrita – atividades de retextualização**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio & DIONISIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. Edição 1 – Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 9. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- MARX, Karl. **O Capital – crítica da economia política**. Trad. Reginaldo Sant’Anna. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2008, p. 1080.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Um apanhado Teórico-Conceitual sobre a Pesquisa Qualitativa: tipos, técnicas e características.** Revista Travessias. Ed.04. ISSN 1981-5935. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122/2459>. Acesso em: 17 nov. 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral.** São Paulo: Cultrix, 1998.

SILVA, Joseane Nascimento Lima da. **Marcas da Oralidade na Escrita: Um Estudo Reflexivo das Produções Textuais dos Alunos da 5º série da Escola Estadual Edeli Mantovani.** Revista Eventos Pedagógicos. V. 3, n. 1, Número Especial, p.426-436, Abril. 2002.

SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Análise de Gênero Textual: concepção sócio-retórica.** Maceió. EdUfal. 2005